

# DA UTOPIA DAS CIDADES AO SIMULACRO DO MUNDO REAL: A FILANTROPIA EM QUESTÃO

Paulo Henrique Lima de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir algumas questões relacionadas ao projeto filantrópico “Cidade dos Meninos”, que, instalado em Ribeirão das Neves, um dos municípios mais pobres da região metropolitana de Belo Horizonte-MG, acolhe milhares de jovens de ambos os sexos para que possam experimentar a vida em regime de internato em tempo integral. Para isto, estes jovens abdicam da vida urbana do município e se inserem em outra dinâmica cotidiana. Passam a se preparar para o mercado de trabalho no vigor da juventude e retornam às suas residências apenas nos finais de semana. Diversos trabalhadores que ajudam na organização da instituição assistencialista também vivem e moram em regime de isolamento da cidade real. O enclausuramento se apresenta como um ganho. A pesquisa foi desenvolvida com aplicação de questionários e técnicas de observação participante, mostrou nos seus resultados finais que a vida aparentemente resguardada dos conflitos da cidade cria outras subversões da ordem instituída socialmente. Ressalta ainda o poder das instituições filantrópicas na organização comportamental das classes mais desprovidas economicamente.

Palavras-chave: Juventude. Filantropia. Trabalho. Cidade. Urbano.

## ABSTRACT

This work aims to discuss some issues related to philanthropic project "City of Boys", which, installed in Ribeirão das Neves, one of the poorest municipalities of the metropolitan region of Belo Horizonte-MG, it receives thousands of young women and men so that they can experience life in a system boarding school full time. For this, these young people give up urban life of the city and fall into another dynamic daily. they prepare for the labor market in the force of youth and return to their homes only on weekends. Several workers who help the organization the supporting institution also live and reside in isolation from the real city. The Encapsulation as a profit. A research was developed with application of questionnaires and techniques of participant observation, their results showed that life apparently protected the conflicts of the city, create other subversions the order established socially. Also emphasized the power of philanthropic institutions in the organization of behavioral classes most economically deprived.

Keywords: Youth. Philanthropy. Work. City. Urban.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia Humana (Universidade Federal de Uberlândia). E-mail: [phloliveira@yahoo.com.br](mailto:phloliveira@yahoo.com.br).  
Endereço postal: Rua Mário Studart, 200 – Jacarecanga – Fortaleza/CE – Cep: 60326-060.

## CIDADES: SONHOS, CIDADANIA E JUVENTUDE

As cidades são objetos de pesquisa em diferentes áreas de estudo. Historiadores, sociólogos, arquitetos, geógrafos e tantos outros profissionais acenam possibilidades diversas na interpretação dos seus modos de vida, da sua economia, dos caminhos da política local, da dinâmica apresentada na cotidianidade de seus moradores; no incremento do turismo, no registro das festas, da importância da religião, dos aspectos relacionados ao lazer e nos enigmas de seus mitos. Quantas possibilidades a cidade nos aponta!

A cidade é um emaranhado de olhares. Pode ser vista e compreendida sob perspectivas variadas: a partir da beleza dos seus pontos turísticos, dos monumentos históricos que mostram a sua trajetória, das suas ruas e bairros, das temidas favelas, dos imponentes condomínios fechados, das tradicionais igrejas, das bucólicas paisagens, da preservação da memória dos seus mártires e celebridades, das pequenas ou grandes festas e do seu estilo arquitetônico. Cada cidade traz consigo uma identidade, um parâmetro de reconhecimento coletivo. Cidades são como pessoas.

A cidade é mais do que uma visão compactada, única. A cidade é sempre mais do que a imaginamos e menos do que a vivenciamos. Contempla interesses e divisões sociais e econômicas. Segrega! Silva (2005, p.48) chama a atenção para as transformações ocorridas na cidade com o advento da Modernidade e mostra os aspectos contraditórios da sua ocupação:

[...] a cidade chega à Modernidade como um espaço de múltiplas atividades caracterizadas pela conquista de uma urbanidade que expressa, contraditoriamente, de um lado o refinamento da Corte e dos palacianos que a ela tinham acesso e, do outro, a cidade possível das hordas operárias que ocuparam as suas bordas e áreas degradadas e atribuíram um novo sentido à palavra periferia. A convivência destas duas cidades, espécie de foto e negativo, nem sempre é pacífica, muito embora haja um enorme esforço dos gestores em escamotear as diferenças e, de certo modo, camuflar o fosso social que separa e reparte as cidades contidas no emaranhado do tecido urbano.

Em Ribeirão das Neves, município da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), há indícios que sinalizam a existência de uma precariedade econômica resultante da falta de uma política pública mais atuante na promoção e desenvolvimento da comunidade nas últimas décadas. Os ícones da cidade contam parte da história local e são, paradoxalmente, vistos pelos seus moradores como referências negativas e empobrecidas da cidade em questão.

Estes “ícones do mal” – para estabelecer uma linguagem popular – que fazem parte da história de Ribeirão das Neves são os grandes presídios que se instalaram em sua área político-administrativa e os loteamentos populares, comercializados naquela região nas décadas de 1970 e 1980, a preços módicos, com prazos alongados de pagamento e sem estrutura mais adensada no que se refere ao saneamento básico, saúde, educação e transporte. O Estado viria a se preocupar depois com estas questões sem, ainda hoje, apontar soluções mais concretas para transformar este quadro.

Em 1998, no município estigmatizado por abrigar presídios e loteamentos populares, entra oficialmente em funcionamento um projeto filantrópico gerenciado pela iniciativa privada, denominado “Cidade dos Meninos”. O seu funcionamento experimental e informal data de 1993. Outro ícone se apresentava para o município e mostraria o seu poder de interação com a população local. Desta vez, o projeto se solidificaria sob a tutela da obra planejada e de resultados positivos. Algo diferente acontecia. Hoje, assim como os presídios e os loteamentos populares, ajuda a contar a história recente daquele município.

Aquele ano marcaria o início oficial de um investimento que não pára de crescer em estrutura física e em propostas para os jovens moradores da periferia metropolitana de Belo Horizonte. Ribeirão das Neves aparece como o abrigo para os “sobrantes” da capital mineira. Antes, porém, a obra filantrópica funcionava em fase experimental, com poucas pessoas envolvidas, mas mostrava resultados. “No início as pessoas pensavam que era mais uma FEBEM ou outra prisão”, relata uma antiga funcionária.

Para os que sobram em Ribeirão das Neves, há uma perspectiva *glamourosa*, sedutora e bem planejada: vencer na vida por meio da formação básica para o mercado de trabalho e adquirir rígida disciplina no processo de aprendizagem. Quem se habilita a aceitar tal proposta tentadora? Muitos jovens, em plena efervescência de sonhos e ideais. Todos materialmente pobres, digase de passagem.

## **A “CIDADE DOS MENINOS”, DAS MENINAS, DOS SONHOS E DA FORMAÇÃO CRISTÃ: A METAMORFOSE DO MUNICÍPIO**

A CDM é uma conseqüência do mercado imobiliário que, em Ribeirão das Neves, viu nos pobres o seu público mais promissor. Originalmente a área destinada à construção da instituição filantrópica seria um bairro residencial, com estrutura física adequada e conforto garantido aos seus moradores. Possivelmente acompanharia a tendência do mercado imobiliário local de ofertar preços baixos e facilidades de pagamentos para quem quisesse adquirir o imóvel próprio.

Algumas dificuldades para a implantação do empreendimento imobiliário deram margem à instalação do projeto tal qual como se apresenta hoje. O mercado virou filantropia, a cidade viu nascer a utopia.

O projeto assistencialista<sup>2</sup> é expressivo em sua arquitetura e em suas ambições. Seu planejamento interno contempla atividades e ações por muito tempo. Há um verdadeiro plano plurianual. Tudo, segundo os seus idealizadores, será seguido à risca, conforme o estabelecido. Da sua idealização até hoje tem sido assim e os arranjos ou improvisos são inconcebíveis; caso ocorram, há penalidades a serem cumpridas com rigor. E, na prática, realmente são. O arremedo de cidade se anuncia e questiona as possibilidades do urbano na periferia.

Neste caso específico, o planejamento funciona, mostra-se capaz de apresentar resultados positivos dentro daquilo que se propõe, e mostra explicitamente a relação de mando e obediência estabelecida de forma generalizada entre os ofertantes do produto e os que dele usufruem. Há um fragmento do urbano visível e questionador.

Os incomodados, neste caso, como repete o ditado popular, se retiram mesmo, sem qualquer espaço para manifestação livre do pensamento, em contrário a algumas das diretrizes apresentadas. Há um contrato que aparentemente agrada a todos. Descumpri-lo depõe contra a relação estabelecida entre as partes.

O planejamento certamente não funciona em todos os lugares e momentos. Críticas severas são feitas a ele. Jacobs (2000, p. 91) aponta que uma das falhas do planejamento se explica pelo fato de que os planejadores e projetistas são, na sua maioria, homens, “resumem-se a fazer projetos estritamente para sociedades matriarcais”. Os homens são desconsiderados da vida diária e normal na visão de Jacobs, autora que coloca o seu olhar na perspectiva feminina.

Berman (2000, p.305), autor que discute, segundo ele mesmo, a dialética da modernização e do modernismo, nos lembra que a obra da autora americana mencionada

Oferece-nos a primeira visão plenamente articulada de uma mulher sobre a cidade, desde Jane Addams. Em certo sentido, a perspectiva de Jacobs é ainda mais feminina: ela escreve a partir de uma domesticidade intensamente vivida, que Addams conhecia apenas de segunda mão.

Allonso (1967, p.580-581), ainda na década de 1960, apontava indícios de que o planejador que lida com questões diversas que são próprias da cidade tem nas suas atividades contradições e excessos. O autor já anunciava, naquela época, algo que percebemos com propriedade hoje, a percepção deste profissional como “mutante”.

---

<sup>2</sup> A denominação “assistencialista” se refere aos projetos que trazem no seu discurso a proposta de oferecer, para a população materialmente empobrecida, os serviços que não são disponibilizados de forma eficaz pelo Estado. No caso da “Cidade dos Meninos”, o discurso que se mantém em maior destaque é o da preparação do jovem para o mercado de trabalho.

## Da cidade real ao seu imaginário concretizado, a distância é nenhuma



FOTO 1- Pobreza material e o desconforto de morar em Ribeirão das Neves. Ruas precarizadas em termos de acessibilidade se apresentam em diversos pontos do município. Salvam-se as principais vias de acesso, feitas para o uso de automóveis. No registro fotográfico podemos perceber que até mesmo as relações de vizinhanças são afetadas por causa da formatação das ruas, que neste caso, não dispõe de calçadas e não permite que os moradores atravessem para o outro lado com facilidade. (Foto: Paulo Oliveira, 2002)



FOTO 2: Conforto e organização no simulacro de cidade. A vida padronizada e vigiada em tempo integral gera na população local o desejo de viver no lugar que não existe de fato. O tempo máximo de permanência dos jovens, em geral, na “Cidade dos Meninos” é de três anos.

The city planning profession, like most adolescents, is self-conscious. It worries about its appearance, it strikes poses, it adopts and discards heroes, it revolts against its parents while depending on them. It tries, in short, to establish its own identity. This identity is the product of its intellectual ancestry and of its early development, of its current situation and, perhaps to a greater extent than other professions, of the appearance and realities of the object of its concern, which is the city. It is a profession in rapid change, full of contradictions and given to excess. Such a subject cannot be portrayed at rest and separately from its object, and so we will use some of the force that has made it what it is, but principally we will consider some of the issues that confront it and how it is coping with them, for it is in action that the importance and the weakness of the problem can be seen.

A ordem e o planejamento são as marcas da “Cidade dos Meninos”, instituição que lida com a juventude vitimada pelo poder econômico mal distribuído e promotor de angústias e sofrimentos individuais e coletivos. A juventude não ficaria de fora desta lógica.

Na CDM torna-se comum perceber, no planejamento, um instrumento de trabalho eficaz e produtivo. Imprevistos são inaceitáveis, muito raros e não se estabelecem como prática comum. Ali, o planejamento se faz presente, atuante e conta com ajudas imprescindíveis para que tudo funcione: os colaboradores que fazem doações para o projeto, a mão de obra dos seus muitos funcionários, a dedicação dos jovens pobres internos e a Divina Providência que, na percepção dos dirigentes da obra, seguramente mobiliza o mundo espiritual para que tudo saia conforme o planejado.

Os colaboradores, além das doações diversas, podem apadrinhar os internos da “Cidade dos Meninos” e desenvolver a prática da caridade por intermédio de contribuições financeiras feitas por débito em conta telefônica ou na participação em eventos promovidos pela instituição, como as suas festas beneficentes e bazares, dentre outros.

Simpatizantes, pessoas de classes sociais as mais diversas, empresas e grupos organizados que acreditam nos propósitos da “Cidade dos Meninos” doam à instituição móveis, equipamentos de escritório, material de construção, roupas e alimentos. Outros colaboradores adquirem rifas ou bilhetes para concorrerem a prêmios distribuídos em sorteios, compram produtos fabricados pela instituição e participam de festas beneficentes que objetivam arrecadar verbas para o projeto. Uma rede solidária se forma para que a idéia de ajudar os jovens mais pobres não perca a sua força.

O poder público assume também seu compromisso, dando suporte para que tudo transcorra bem na “Cidade dos Meninos”. Público e privado caminham em sintonia, sem atropelos, com propostas claras de atuação. É uma troca em que, aparentemente, todos ganham.

Os funcionários da instituição se apresentam como dedicados, empenhados em cumprir as suas tarefas com desenvoltura e trabalhar por alguns momentos sem remuneração. Vale ressaltar que este voluntarismo é condicionado à manutenção do emprego formal, gratificado monetariamente.

A mãe social é uma das personagens centrais do funcionamento da “Cidade dos Meninos”. São pessoas contratadas para coordenar cada uma das casas habitadas pelos menores, sejam internos ou semi-internos. A idéia do projeto, desde a sua concepção, é de que o clima familiar se estabeleça entre os jovens que optaram por viver longe das suas famílias. A presença de adultos nas casas mostra que a juventude não pode deliberar sobre as suas próprias atitudes de forma autônoma. O ambiente familiar deve impor regras, limites.

As mães sociais que têm filhos, sejam eles maiores de idade ou não, também se queixam de que gostariam de dar mais atenção aos seus descendentes legítimos. Mães sociais solteiras ou sem compromissos matrimoniais reclamam de outras coisas, como a falta de lazer, de assistir TV com mais frequência ou mesmo de terem mais tempo para cuidar de si.

Funcionando no centro expandido de Ribeirão das Neves, a “Cidade dos Meninos” tem como objetivo acolher, na forma de internato, externato e semi-internato, menores desprovidos de bens materiais, pretendendo prepará-los para a vida – se é que isto é possível – com base na

tradição cristã e na ideologia da formação para o mercado de trabalho. Dentre as três modalidades de atendimento, a pesquisa fixou o olhar mais detalhado no grupo de internos, sem se descurar, no entanto, de perceber os demais.

Para atingir os seus objetivos, a CDM coloca à disposição dos jovens estrutura física apropriada para diversas atividades. A mais divulgada delas é a oferta de cursos profissionalizantes em diversas áreas.

O projeto em foco é o maior de uma instituição denominada Associação de Promoção Humana Divina Providencia (APHDP), que mantém diversas obras filantrópicas em Belo Horizonte e alguns municípios da Região Metropolitana. Busca desenvolver as aptidões juvenis para o mercado de trabalho através de oficinas profissionalizantes e garantia de assistência em saúde, alimentação, lazer e moradia. A esperança brota nos arredores da metrópole.

A “Cidade dos Meninos” também forma, com a sua proposta, um contingente de futuros trabalhadores que vivem a sua cotidianidade “fora do mundo” do município no qual se instalou. Neste contexto, as noções de tempo, valores morais, exercício da cidadania e uso de equipamentos coletivos se distanciam das encontradas em Ribeirão das Neves e aparecem quase como uma abstração da realidade para estes jovens. Os muros garantem possibilidades antes inimagináveis para muitos deles. Alimentar-se várias vezes por dia é uma delas.

O projeto filantrópico cresceu em infraestrutura, tornou-se referência positiva para o município, mostrando que outros muros apareceram e este, especialmente, tornou-se um dos ícones da periferia estendida de Belo Horizonte. Muros, por certo, caracterizam a concepção do simulacro de cidade.

Ícone este que é reverenciado, aplaudido pela população e pelo poder público, mas pouco discutido e conhecido. A pesquisa acadêmica, como uma tese de doutorado, acolheu esta discussão e gerou outras percepções sobre projetos de enclausuramento da vida. A quem interessam? O que propõem? Por que foram criados? Quais as dinâmicas de funcionamento? Como a sociedade os vê? Que relações mantêm com a cidade?

Estas são questões que merecem uma reflexão mais aprofundada, pois sinalizam mudanças no comportamento das sociedades modernas que não se desligam de antigas práticas, mesmo com todo o avanço tecnológico e científico que temos. Uma sociedade que para Giddens (1991, p. 87), se caracteriza pela interação continuada entre pessoas que sequer se conhecem, o que torna essa rede de contatos relativamente efêmera. Somos sujeitos sociais, buscamos ampliar a nossa rede de sociabilidade cotidianamente. Somos chamados a vivenciar o coletivo, mesmo que superficialmente.

## **PODER PÚBLICO E INICIATIVA PRIVADA: PARCERIAS E CONTRADIÇÕES**

A “Cidade dos Meninos” oferece para o município de Ribeirão das Neves, além da imagem positiva de um significativo projeto social, oportunidades de empregos para muitos profissionais que moram naquela localidade. Aliás, esta é uma prática comum em empresas de diversos setores que apresentam, nos seus discursos, a idéia de privilegiar a população local. Nesta perspectiva, a competência muitas vezes não interessa, pode ficar em uma escala menor de valores, mas a imagem positiva de quem emprega ganha destaque. A falta de oportunidades de trabalho é sempre tida como danosa.

Na instituição filantrópica pesquisada, o poder público se responsabiliza pela manutenção do quadro de funcionários de duas escolas (uma municipal e outra estadual) e de um posto de saúde. Como estes locais necessitam de uma mão de obra mais qualificada, não é possível gerar empregos apenas para funcionários residentes em Ribeirão das Neves, pois não existem profissionais qualificados na região para atender tal demanda. Os profissionais de melhor qualificação, em geral, ganham salários maiores. O Estado pode mantê-los.

Vale ressaltar que, mesmo mantidas pelo poder público, quem define os acessos às escolas e ao posto de saúde localizados na área interna da “Cidade dos Meninos” é a própria instituição privada. Isto gera certo constrangimento quanto à verdadeira autonomia que o Estado tem ao definir as suas políticas públicas de saúde e educação naquele município.



## BELO HORIZONTE E RIBEIRÃO DAS NEVES: PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO

Belo Horizonte, a capital do estado de Minas Gerais, inicialmente planejada e concebida para abrigar regularmente os seus habitantes, com infraestrutura adequada de bens e serviços urbanos, mostra-se saturada em diversos aspectos. Dispensável citá-los neste momento.

Há um discurso orquestrado de que a cidade em questão cresceu demais e, conseqüentemente, os seus problemas se avolumaram. É necessário entender os motivos pelos quais o planejamento em Belo Horizonte não se mostrou plenamente eficaz nas suas propostas iniciais. O aspecto tecnicista e os interesses que circundam o olhar do planejador respondem a esta inquietação. Cintra (1974, p. 116) tece críticas aos planejadores urbanos de uma forma geral. Expõe que:

No desempenho de seu papel, o planejador estará, quer queira, quer não, envolvido em excruciantes conflitos de valores e interesses. As posturas teóricas e práticas que desenvolver serão, em grande parte, resposta a dilemas, desafios e problemas colocados pela complexa trama em que se entrelaçam e enleiam interesses pessoais e profissionais, e identificações organizacionais e sociais mais amplas. Em muitas das situações, mais do que consenso entre os planejadores, teremos profundas divergências afastando-se de um paradigma profissional comum. Em outros casos, **em lugar de respostas cristalizadas, teremos experimentações e tentativas**, trajetórias oscilantes, em função dos difíceis “trade-offs” entre valores conflitantes e das injunções a que o desempenho do papel do planejador na esfera pública está submetido.

O planejamento em Belo Horizonte contemplou diversos interesses e frustrou outros. Não há dúvida de que o poder do capital monetário tenha se estabelecido com mais propriedade na construção da imagem de uma cidade organizada e ordeira. Em um discurso ufanista, na comemoração do 50º aniversário da capital de Minas Gerais, o então orador, Sr. Nelson de Sena, fala de modo naturalizado e aceitável sobre a inquietação que os pobres geravam no município naquela época e a “solução” apontada para “higienizar” o espaço. O ano era 1947.

No decurso destes 50 anos, muitas modificações têm sofrido o aspecto da cidade e, não raro, o que é passível de justa crítica, **tem sido mutilada a primitiva e bem organizada Planta Cadastral da Cidade**, com alterações em nada recomendáveis em alguns casos; mas, em outros casos, é justo reconhecer que se tem reconstruído para melhor realce da cidade um ou outro ponto de antigas edificações, como passamos a exemplificar com casos concretos de simples observação local.

Assim, por exemplo, na Velha Favela das Cafuas da Barroca, a meio caminho do Centro da Cidade para o [bairro] Calafate, hoje se estende o casario moderno populoso bairro de Lourdes; também da primitiva Favela Cafuas de operários, que existia no alto da Estação Férrea Pedro II, nos terrenos amorrados (sic) que subiam da atual Praça Ruy Barbosa para o Bairro da Floresta, **não há mais nem vestígios**, com os arrumamentos novos e modernos que ali existem, com as numerosas edificações e dependências da Rede Mineira de Viação, em sua Diretoria e Escritórios alojados no amplo edifício “Chagas Doria”. (SENA, 1947, p. 25).

Os pobres não sumiram, foram removidos para outros lugares. Sem a presença deles em alguns bairros, a cidade se apresentava bela, tranqüila, cheia de vida e materialmente valorizada. Crédito para os planejadores, poder público e especuladores imobiliários, que atenderam a alguns interesses e reformularam a imagem da cidade circunscrita à relação econômica. Esta proposta se mantém posta até hoje.

Concluída há pouco tempo, o “Boulevard Arrudas”, uma grande obra de “revitalização” do centro de Belo Horizonte, alargou ruas e avenidas, terraplanou o principal rio da cidade e modificou a arquitetura de praças e prédios públicos antigos. Segundo notícias veiculadas em jornais

locais, a transformação “necessária” para fluir o trânsito da metrópole promoveu o aumento do valor dos imóveis. A capital mineira, com a sua área central mais estilizada, com fontes luminosas e maior segurança, desperta o desejo de moradia em locais antes vistos como perigosos e associados ao caos urbano da metrópole.

A sedução de morar distante dos pobres, de grupos ou pessoas que trazem incômodos aos detentores do poder econômico se faz presente na sociedade moderna com bastante notoriedade, mas não é um fato novo. Basta voltarmos o olhar para a história da humanidade para confirmarmos este comportamento. A ordem é necessária, a depreciação do outro, não.

Além da capital mineira, outros 33 municípios integram a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e somam um contingente de 4.800.000 (quatro milhões e oitocentos mil habitantes). Juntos, contemplam um terço da população do estado de Minas Gerais e um quarto da arrecadação de impostos. São municípios que congregam problemas e aflições em comum e suas particularidades são discutidas e reconhecidas em separado. Há planos para que estes municípios tenham projetos em comum nas áreas de habitação, saúde, moradia e transporte. A expansão da metrópole preocupa e estimula ações políticas que ainda não ganharam consistência maior.

### **A VIDA PARA ALÉM/AQUÉM DA CIDADE E DA CIDADANIA. ROTA DE FUGA?**

No debate sobre o enclausuramento da vida e o seu afastamento das possibilidades reais colocadas pela cidade, um texto clássico de Caldeira (2000) amplia a discussão sobre os interesses e os limites impostos pelo que ela denomina “enclaves privados”. Na percepção da autora,

Os enclaves privados e a segregação que eles produzem negam muitos dos elementos básicos que constituem a experiência moderna da vida pública: a primeira, das ruas e sua abertura à circulação livre de multidões e veículos; os encontros interpessoais e anônimo entre pedestres; o fazer os encontros públicos em ruas e praças; e sobretudo, a presença de pessoas de diferentes origens sociais circulando e observando os que passam, olhando as vitrines, fazendo compras, freqüentando cafés ou bares, tomando parte em manifestações políticas ou usando os espaços que foram durante muito tempo desenhados especialmente para o entretenimento de massas (passeios públicos, parques, estádios, pavilhões de exposições). (CALDEIRA, 2000, p. 267).

Enclausuramento e segregação ganham notoriedade na dinâmica urbana. Quando há a livre escolha, estranha-se que as possibilidades de vivência plena da cidade fiquem colocadas em um patamar inferior. Quanto mais propostas fechadas e distanciadas da realidade desoladora em que se encontram milhares de municípios brasileiros, mais elas ganham força e respeitabilidade, inclusive no mercado imobiliário. A segregação, neste caso, vem travestida no desejo de uma melhor “qualidade de vida”. Os exemplos estão estampados freqüentemente nos anúncios de venda de imóveis veiculados em meios de comunicação os mais diversos.

As imposições e privações sociais percebidas na dura realidade dos moradores de Ribeirão das Neves se apresentam na baixa qualidade das habitações locais ou nos altos índices de violência registrados naquele município e difundidos com freqüência na fala dos seus moradores e nos meios de comunicação. É a face nada oculta desta cidade, que foi engolida por seus ícones e mitos, mas não se resume a eles.

O encantamento com o lugar ficou para trás, traduzido em saudosismo relatado nas conversas de velhos. Hoje restam apenas lembranças e memórias de alguns que nos ajudam a entender as transformações ocorridas no município. Em uma das falas, um morador do município relata que Ribeirão das Neves é o “fígado” de Belo Horizonte. O fígado, nesta perspectiva, é o órgão humano que acolhe tudo de ruim, segundo a explicação da mesma pessoa. A metrópole necessita deste fígado e dos demais órgãos para se manter viva, produtiva.

Após a emancipação política do município de Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves passou por sinuosas transformações econômicas e políticas, tornando-se materialmente mais pobre e sem conseguir implantar uma infraestrutura urbana razoável para um número considerável de



imigrantes que viram, naquele município, uma possibilidade de melhoria de vida a partir da moradia própria. O sonho, para muitos, virou pesadelo.

Ribeirão das Neves demonstrava então uma característica singular: recebia milhares de novos habitantes em sua área político-administrativa, mas não disseminava a idéia da construção do sonho pelos caminhos do consumo de bens e do apelo do mercado de trabalho como ocorreu, por exemplo, em Nova York entre os anos 1940 e 1950. Flores e Román (2000, p.124) afirmam que

No final dos anos 40 e início dos anos 50, quando os porto-riquenhos começaram a afluir às dezenas e centenas de milhares para Nova York, as esperanças eram muitas – e as expectativas apenas razoáveis – de que encontrariam um lugar na economia local. Haveria espaços a preencher no mercado de trabalho do pós-guerra, continuava o raciocínio, e oportunidades para os recém-chegados, o que, naqueles anos, significava predominantemente porto-riquenhos e afro-americanos.

Em Paris, no Século XVIII, as expectativas com as possibilidades oferecidas pela cidade aos seus recém-chegados, segundo Perrot (2004), se amparavam na oferta de mão de obra para trabalhos que exigiam menor qualificação profissional. Algumas províncias parisienses, no entanto, forneciam empregados melhor preparados. As metrópoles, assim como as suas regiões circunvizinhas, não se estabelecem sem o trabalho e sem mão de obra que atenda às necessidades do mercado.

O Brasil dos anos de 1800 oferecia, segundo Trento (1989), atrativos para os estrangeiros europeus que quisessem se aventurar a viver e trabalhar no Brasil. O estímulo para tão desgastante deslocamento se dava de uma forma que continua válida hoje: o pagamento em dinheiro aos que aceitassem deixar o seu local de origem para arcar com outras responsabilidades. Era uma preocupação do governo **a baixa densidade demográfica e a grande quantidade de terras públicas no país**<sup>3</sup>. Assim está descrito no seu texto: “A província de São Paulo, por exemplo, decidiu, em 1835, providenciar por si mesma a introdução de imigrantes e, em 1852, estabeleceu um prêmio em dinheiro para os particulares que fizessem vir colonos” (TRENTO, 1989, p.19). A imigração passou a ser vista, tempos depois, como um problema e as terras em abundância não puderam ser apropriadas por todos. Sonhos foram desconstruídos e os deslocamentos, estimulados.

As inúmeras famílias que fixaram residência em Ribeirão das Neves e que buscavam o usufruto da casa, antes mesmo da vivência da cidade, reconhecem dois momentos marcantes na história local e na transformação geográfica do município. O primeiro deles foi a construção de uma grande penitenciária, que nos anos 1930, fomentava a idéia de progresso e desenvolvimento. No entanto, não foram levados em conta os inúmeros contratemplos que este projeto governamental, tido como referência de sociabilização de presos em toda a América do Sul, causaria.

Na década de 1970 houve o segundo momento marcante da história de Ribeirão das Neves: um *boom* de deslocamento de pessoas em busca de um lugar para morar naquela cidade. Isso gerou um transtorno na percepção de cidade organizada. A facilidade na aquisição de lotes populares para a construção da casa própria a preços bastante baixos, se comparados aos praticados na capital do estado, que ficava a pouco mais de 30 km de Ribeirão das Neves, estimulou um fluxo contínuo de pessoas para estabelecerem moradia no município já estigmatizado pela imagem do acolhimento de presídios em seus limites administrativos.

Costa (1983) foi quem, na nossa percepção, discutiu com mais propriedade a relação do mercado da terra em Ribeirão das Neves, mesmo que a sua pesquisa tivesse como foco principal a produção do espaço em Belo Horizonte. A autora já anunciava que os dois municípios tinham relações de proximidade e distanciamento. Alertou para o fato de que a expansão metropolitana de BH em direção a Ribeirão das Neves não foi ocorrência do acaso.

---

<sup>3</sup> Os grifos são nossos.

Para que houvesse um interesse maior pela procura por moradia em Ribeirão das Neves, foram montadas estratégias de comercialização da terra para um público menos abastado economicamente. As empresas imobiliárias utilizavam corretores como agentes de negociação com os possíveis compradores da terra e divulgavam os seus serviços através de panfletos entregues em diversos locais da cidade. (COSTA, 1983, p.61).

The process of commercialization of land developments is the activity whereby the strategy of popular developers can be most clearly observed as one structured on the basis of the socio-economic characteristics of the potential market of popular plots.

It is an activity completely controlled by the development company, but based on the performance of a very typical element: the commission agent (“corrector”). This is the intermediary person in the sales of plots, the contact between clients and company. Not only does this agent operate in the search for potential buyers of plots, but many times he is also active in looking for available land for development. He is remunerated through a commission over sales which usually varies from 5 to 10% of the price of the plot. The commission agent sometimes works as a member of staff of one company, other times as a freelancer, or even works for a number of firms at the same time. In any case, the commission agent is very active in the phase of promotion and propaganda of a new development in order to obtain as many sales contract as possible.

When a popular land development is launched on the market, the most common and widespread form of promotion is the distribution of pamphlets all over the city. They are distributed in the streets, especially in areas of concentration of popular commerce, bus stops, bus terminals and so on. Those pamphlets are generally cheap and simple pieces of paper advertising one of several land developments of a development company.

Viver e morar na periferia da capital mineira tem o seu valor monetário e seus arranjos. A pobreza material, a informalidade, o desemprego e a carência de equipamentos urbanos dão o tom à vida cotidiana de Ribeirão das Neves que, em pouco mais de cinquenta anos, teve a sua população rural radicalmente transformada e passou de pouco mais de cinco mil moradores para mais de trezentos mil, em 2005, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). Este prognóstico já indica um crescimento significativo em relação aos dados estimativos de 2004.

Claro que apenas a densidade demográfica não explica o caos que se apoderou daquela cidade por anos a fio e prevalece ainda hoje. Tóquio, a capital japonesa é a metrópole mais populosa do mundo e, do ponto de vista econômico, é uma cidade que mostra resultados positivos nas suas finanças e na qualidade de vida. O exemplo é meramente ilustrativo, mas reforça a contraposição de que a densidade populacional estabelece apenas o caos nas cidades.

Em Ribeirão das Neves falta um plano eficiente de reestruturação da cidade, políticas públicas mais eficazes, organização e gestão do serviço público e um plano diretor, como estipula a lei, para municípios com mais de 20.000 habitantes. O plano diretor está sendo elaborado, mas sem data prevista para entrar em vigor.

Iniciativas como o orçamento participativo (OP) possibilitariam uma discussão mais democrática sobre o município e contribuiriam para outra percepção sobre Ribeirão das Neves, vista por muitos como a periferia estendida da capital do Estado.

A questão da renda da terra, que privilegiou a posse dos imóveis na área central de Belo Horizonte preferencialmente para os que detinham o capital, vem de longa data. Dutra (1998, p.48) assim descreve a expulsão da população trabalhadora da capital mineira para zona não urbana. Eram os anos de 1920:

A população trabalhadora de Belo Horizonte, estrangeira ou não, não podia se fixar na zona suburbana da cidade, uma vez que o planejamento da cidade tornava este fato impossível. Além do preço dos lotes ser bastante elevado, as exi-

gências feitas aos que os adquirissem oneravam ainda mais o comprador que deveria ter boas condições financeiras para fazê-lo, o que não possuíam, é claro, os imigrantes e migrantes aqui chegados.

Os expulsos da área central de Belo Horizonte acomodaram-se em outras áreas ou cidades circunvizinhas. O lugar do trabalho, da produção e do lucro continuou a ser a metrópole. O da moradia, não. A cidade planejada não fora apropriada na sua essência por todos.

O município de Ribeirão das Neves, que é visto como uma ampliação da área urbana empobrecida de Belo Horizonte, passou por uma mudança estrutural na sua forma física na última década com a construção, na sua área central, do projeto “Cidade dos Meninos”, que realça uma identidade positiva perante a imagem extremamente desgastada e propalada pela sua população e pelos meios de comunicação de massa. Diversas vezes os interlocutores relatam que uma das poucas coisas boas que a cidade tem é a “Cidade dos Meninos”. A sacralização do que se entende por uma cidade funcional para a formação do homem produtivo está posta.

Ano 1938. O Brasil estava em plena Ditadura Vargas. Inaugurava-se em Ribeirão das Neves – um pequeno e pacato distrito do município de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais – a maior casa de detenção da América do Sul, conhecida como Penitenciária Agrícola de Neves (PAN). Era uma época de transformações na história do Brasil e de investimentos estatais em diversos setores.

A Penitenciária Agrícola de Neves era um projeto suntuoso, cheio de pompas. Parte do material para a sua construção – tijolos, azulejos, tintas – foi importado da Europa e a sua estrutura arquitetônica grandiosa virou notícia naquele período. Começava ali a reverência de Ribeirão das Neves aos seus muros. O próprio presidente da república, à época, inaugurou a penitenciária, conhecida por todos como PAN. Coroava, assim, o êxito de um projeto estatal grandioso que prometia ressocializar os detentos e possibilitar a vida em sociedade novamente. Naquele tempo talvez houvesse uma crença maior no processo de retorno dos detentos ao mundo social através do aprendizado na prisão. Os muros continuam a separar os infratores da sociedade.

A criação da PAN foi o momento mais marcante da pacata vida local no que se refere à história oficial e mantém-se nas lembranças e no imaginário coletivo das pessoas da localidade. O mundo saudosista e tranqüilo do pequeno distrito angariou para si o que restou da metrópole. O pacato transformou-se em dinamismo, o modo de vida rural caminhava para o urbano a passos largos. O emprego e a renda não chegaram. A novidade virou lamento.

A inauguração da PAN em Ribeirão das Neves, como foi dito, aparece como um dos eventos mais marcantes da história da cidade. Projetos grandiosos despertam esperanças, sonhos e medos. Às vezes promovem o poder e o autoritarismo, mas não podemos desconsiderar a sua importância.

O desejo de dar novas oportunidades aos que não se enquadravam nos modos de vida da sociedade – ou dos que dela se rebelavam – estava posto e tinha uma forma: enquadramento intramuros, disciplina, hierarquia, ordem, punição e trabalho. Receita esta já adotada com mais frequência em diversas partes do mundo, como a Inglaterra e a França, em antigas prisões, internatos, reformatórios, conventos, manicômios, escolas militares e religiosas dos séculos XVIII e XIX. As prisões, no entanto, não apresentavam o aspecto da aceitação coletiva como adquiriu em Ribeirão das Neves no seu início. A prisão, tida como um presente estatal para um município que sonhava em crescer de outra forma, marcou para sempre a vida dos seus moradores. Os muros passaram a dar respostas aos anseios da cidade. Os muros de Ribeirão das Neves encontram um sentido para existir e marcaram definitivamente a história da cidade.

Será que esta fórmula, que alia disciplina, trabalho, ordem e punição, ainda tem validade hoje, no início de um novo século? Deu resultados em Ribeirão das Neves no final dos anos 1930 e 1940? O projeto planejado se efetivou de fato? Que perspectivas apontam?

Os muros da Penitenciária Agrícola de Neves, imponentes, belos e grandiosos, separavam o desejo fantasioso da interação detentos/comunidade local da possibilidade de sua efetivação de fato. A interação social mais aproximada entre condenados e não condenados existiu, mas os muros simbolizavam os limites de usos e apropriações da cidade.

Hoje podemos ver que o sonho desviou-se do caminho original. A utopia urbana perdeu força. Outras penitenciárias se instalaram no município, entendido como “cidade-dormitório” ou caricaturalmente chamado de “lugar dos presídios”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Cidade dos Meninos” modificou a vida cotidiana e os movimentos diários que se estabelecem em Ribeirão das Neves/MG. Consegue, com sua suntuosidade e organização, ser uma referência positiva para uma cidade que carrega o estigma do não crescimento econômico satisfatório, apesar de estar nos arredores de uma das maiores economias brasileiras: Belo Horizonte.

Ribeirão das Neves sofreu diversas modificações na sua história recente. Foi ignorado pelo poder público, pela iniciativa privada e pelos seus moradores em certa medida. Só se faz reconhecer como uma extensão da metrópole. Não consegue ir além deste estereótipo. Fecha-se em si mesma e abre-se para projetos grandiosos que simbolizam ganhos, reconhecimento, identidade. Foge dos seus problemas e crê na ilusão da instituição da ordem coletiva.

A filantropia seduz porque mostra resultados concretos, ações planejadas e clareza no seu discurso uniforme. Ampara-se na ideia de que a cidade desordenada deve dispor de uma opção mais confortável para alguns de seus moradores. Certamente, o simulacro de cidade não é para todos. É preciso conquistá-lo. Com a cidade nem sempre é assim.

## REFERÊNCIAS

ALLONSO, William. Cities and City Planners. In: ELDREDGE, H. Wentworth. **Taming Megalopolis: How to Manage an Urbanized World**. Vol II. Anchor Books ed. Nova York, 1967. p.580-595.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CINTRA, Antonio Octávio. Notas sobre os condicionantes políticos do planejamento urbano. In: **Cadernos do Departamento de Ciência Política (DCP)**, N.º. 2; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1974.

COSTA, Heloísa Soares de Moura. **The production of popular residential land developments in Belo Horizonte, Brazil**. Dissertação (Mestrado) – Londres, Architectural Association, Londres. 1983.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Caminhos operários nas Minas Gerais: Um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República**. São Paulo/Belo Horizonte: Hucitec/Ed. UFMG: 1998.

FLORES, Juan; ROMÁN, Miriam Jiménez. A Nova Nueva York. In: ARANTES, Antonio A. (org). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XXVIII. Edição comemorativa do 23º aniversário da instituição e publicada em 25 de maio de 1959.

JACOBS, Jane. **Vida e morte de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SENA, Nelson de. **O cinqüentenário de Belo Horizonte**. Rio de Janeiro: [sem indicação da editora], 1947.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

SILVA, José Borzachiello da. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura, 2005.